



APLICAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA ESCOLAR EM PROJETOS SOBRE ESCOLAS CONFSSIONAIS

Alana de Oliveira BARBOSA (UEMS)¹

Daniela Aparecida da Silva SALES (UEMS)²

RESUMO: Neste ensaio apresentamos resultados alcançados na disciplina “Cultura Escolar e Consciência Histórica: temas e procedimentos” cursada como alunas regulares no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, nível de mestrado, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, no segundo semestre de 2017. O trabalho partiu de levantamento bibliográfico sobre cultura escolar, em que buscamos identificar os conceitos abordados em autores como Juliá (2001), Chervel (1988), Frago (2000) e Forquin (1993), para em seguida estabelecer relações com as fontes de pesquisa selecionadas em dois projetos de pesquisa em andamento, intitulados: “Irmãs Franciscanas de Siessen e o Educandário Santa Clara de Paranaíba-MS (1955-1997)”, e, “Ginásio Comercial Santo Antônio: relações religiosas e sociais (1962-1975)”. Em consequência das discussões mediadas pelo professor da disciplina e diante o trabalho final apresentado, podemos argumentar que os conceitos de cultura escolar abordados por tais autores podem subsidiar as pesquisas dos projetos citados, os quais contemplam como objeto de estudo instituições escolares, ambas de cunho confessional. Pode-se afirmar, ainda, que os conceitos aqui abordados e relacionados com as fontes de pesquisa dos projetos podem contribuir para futuros trabalhos que visem a temática. A importância da disciplina para o andamento teórico metodológico dos projetos foi indiscutível.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Graduação. Cultura Escolar. Escola Confessional. Religião.

CULTURA ESCOLAR: uma categoria abrangente nos estudos de instituições escolares

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba. Linha de pesquisa: História, Sociedade e Educação. Grupo de estudo GEPHEB. Bolsista CAPES/CNPq. e-mail: ala_ol@hotmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba. Linha de pesquisa: História, Sociedade e Educação. Grupo de estudo GEPHEB. Bolsista PIBAP/UEMS. e-mail: daniela.ap.s.sales@gmail.com.

De acordo com alguns autores como Nosella e Buffa (2009) os estudos sobre instituições escolares começaram a se desenvolverem a partir dos anos de 1990, porém, antes dessa data, eram realizadas pesquisas sobre a temática de forma esporádica. Os autores distinguem três momentos para situar os estudos históricos da educação no Brasil e apontam como era abordado o tema instituições escolares em cada um deles.

O primeiro momento apontado pelos autores é situado nos anos de 1950 e 1960, onde dois fatores contribuíram para a escolha dos temas a serem pesquisados no campo educacional. O primeiro fator está relacionado ao processo de elaboração e aprovação da LDB em 1961 e, o segundo a expansão do ensino superior a partir da década de 1950. Esses fatores contribuíram para se pensarem em estudos sobre “educação e sociedade”, poucos foram os estudos sobre instituição de ensino nesse período.

O segundo momento é marcado, de acordo com os autores, pela criação e expansão dos Programa de Pós-graduação em Educação, nas décadas de 1970 e 1980, durante os governos militares.

Nesse segundo momento os estudos sobre as instituições escolares ainda eram muito ausentes, ou, apareciam como um pretexto para ilustrar o desenho do movimento histórico geral. Os temas mais discutidos e considerados como legítimos nesse período eram: sociedade de classes, base material da sociedade, atividade ideológica, compromisso político e competência técnica, formação de professores, democratização da escola, reprodução simbólica e organização escolar.

É propriamente no terceiro momento, iniciado na década de 1990, que os estudos sobre instituições escolares são privilegiados. A característica desse período é a consolidação dos programas de pós-graduação e a crise dos paradigmas. Essa crise iniciou com a crítica de alguns historiadores sobre os estudos realizados de sociedade e educação, os quais, para eles, não eram abarcados em sua complexidade e diversidade. A proposta feita por esses historiadores, então, era de um pluralismo epistemológico e temático, o qual privilegiaria os estudos de objetos singulares.

Para alguns estudiosos, essa ampliação de linhas de investigação, diversificação teórico-metodológica e a utilização de fontes variadas de pesquisa, levou a uma fragmentação epistemológica e temática, o que dificultou a compreensão da totalidade do fenômeno educacional, caracterizando assim a crise de paradigmas.

Como nesse período há uma diversidade e várias possibilidades de escolhas de objetos de estudo, além da instituição escolar outros temas são privilegiados, como a cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero e infância. Todos esses temas são desenvolvidos sob a matriz teórica da Nova História Cultural (NHC), da nova sociologia e da sociologia francesa.

Nosella e Buffa (2009) apontam, ainda, que os estudos atuais sobre instituições escolares representam um tema de pesquisa significativo entre os educadores, particularmente no âmbito da história da educação. Tais estudos, realizados quase sempre nos programas de pós-graduação em Educação, privilegiam a instituição escolar considerada em sua materialidade e em seus vários aspectos, a expressão cultura escolar tem sido utilizada como uma categoria abrangente destes estudos.

A partir dessa breve retrospectiva realizada sobre os estudos históricos da educação no Brasil é possível verificar o momento em que a cultura escolar passa a ser discutida e referenciada nas pesquisas educacionais. Nota-se, então, que são estudos relativamente recentes, iniciados a partir de 1990. Dessa forma, compreender os seus conceitos e o seu campo de pesquisa torna-se relevante para iniciar um estudo sobre a temática. Pretende-se, com esse ensaio, apontar para o uso desses conceitos nos projetos de pesquisa em andamento intitulados “Irmãs Franciscanas de Siessen e o Educandário Santa Clara de Paranaíba-MS (1955-1997)” e “Ginásio Comercial Santo Antônio: relações religiosas e sociais (1962-1975)”.

CULTURA ESCOLAR E O COLÉGIO EDUCANDÁRIO SANTA CLARA

O Colégio Educandário Santa Clara foi fundado na cidade de Paranaíba\MS³, no ano de 1955. A história dessa instituição escolar despertou o interesse de pesquisá-la, pois foi idealizada por lideranças locais (políticos e religiosos) porém, mantida e direcionada com o auxílio de uma congregação franciscana. Como trata-se de uma escola de caráter confessional, o objetivo é analisar como a religião pode ter influenciado na construção de sua cultura escolar.

Para conhecer a cultura escolar do colégio é preciso identificar os sujeitos que fizeram parte de sua história, ou seja, seus gestores (as), professores (as), alunos

³ A escola foi fundada quando Paranaíba ainda pertencia ao estado de MT, visto que a divisão do estado ocorreu somente em 1977, porém, por opções políticas e acadêmicas nos referimos a MS.

(as), como também sua documentação, a qual poderá nos indicar quais eram suas práticas cotidianas, o currículo adotado, logo, a sua cultura. Para tanto, as fontes documentais serão coletadas no próprio colégio⁴, o qual preocupou-se em preservar toda a documentação desde a fundação.

No percorrer da pesquisa serão utilizadas além das fontes documentais – como diário oficial do estado, livros de matrícula, cadernos de professores, livro de frequência, diário de classe – algumas fontes orais. Pretende-se realizar entrevistas com pessoas que fizeram parte da história do Colégio, como ex-professores (as), ex-professoras que são freiras e, alguns ex-alunos (as). A metodologia da história oral poderá contribuir para compreender o que não fica evidente nos documentos oficiais, como a rotina escolar, práticas de castigo e premiações, afetividade, entre outros aspectos relativos a cultura escolar da instituição.

Para interpretar e analisar essas fontes é necessário, primeiramente, conhecer os conceitos de cultura escolar e verificar como eles se aplicam na pesquisa. Alguns autores, como Chervel, Frago, Julia e Forquin, utilizam o seu conceito com o intuito de colaborar com a História da Educação, nesse sentido, faz-se necessário conhecê-los.

De acordo com Chervel (1988) a cultura escolar tem sua origem na escola, sendo, então, a cultura adquirida e difundida dentro desse espaço. O autor acredita, ainda, que “[...] a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade”.

Algumas pesquisas sobre o Educandário Santa Clara de Paranaíba-MS já foram realizadas, como a de Santos (2014) que entrevistou ex-alunas internas do Colégio. O trabalho intitulado “Escolarização da infância em Paranaíba (MT): memórias de alunas do Educandário Santa Clara (1955-1958)” teve por objetivo registrar as memórias de mulheres paranaibenses que estudaram no internato, buscando compreender como a cultura do colégio influenciou em suas vidas.

A partir do depoimento de uma das entrevistadas sobre o sistema de avaliação do Educandário, pode-se perceber a cultura escolar conforme Chervel (1988) apontou sobre os programas oficiais a escola.

⁴ Atualmente o Colégio e o prédio pertencem ao grupo Prevê Objetivo, porém, permanece com o nome de Educandário Santa Clara.

(...) Geografia, história, ciências. Não tinha exercícios, tinha nadinha, passava o ponto e pronto, a gente estudava, decorava para as provas. Aí nas provas era engraçado né. Era só assim, perguntas e repostas, o que é isso? O que é aquilo, ou quais são isso? ou então, escreva sobre isso? Esse escreva sobre isso, tava lá no ponto, tinha que decorar, estudar. E durante o ano as provas não valiam para o final do ano, todo mês fazia prova mensal, no final do ano anulava tudo, aí no final do ano tinha o exame final, o exame final era a matéria inteirinha do ano, se tinha que saber para a prova escrita e para a prova oral. (SANTOS⁵, 2014, p. 46-47).

Interpretando o depoimento da ex-aluna podemos conceber a avaliação dessa instituição como parte de sua cultura. A maneira do colégio avaliar ficou registrada na memória dessa entrevistada, que a descreveu de forma minuciosa. Nesse sentido, pode-se entender, então, que a forma da avaliação aplicada se relaciona com os resultados efetivos da escola, aliada a sua finalidade oficial.

Corroborando para essa afirmação, Silva (2006, p. 204) descreve que “[...] a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares”.

Sendo assim, podemos entender que a opção por avaliar as alunas somente por meio de provas e não considerar as realizadas durante o ano, levando-as a estudarem todo o conteúdo para os exames finais, é uma ação cultural da escola, pois como afirmou Silva (2006) “a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar”, logo, o método de avaliação não era selecionado de forma aleatória, mas sim se constituiu como cultura escolar daquela instituição.

Para Frago (2000) a cultura escolar é,

[...] o conjunto de práticas, normas, idéias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola e, esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (FRAGO, 2000, *apud* SILVA, 2006, p. 204).

⁵ As entrevistadas nessa pesquisa não aparecem com os nomes próprios, por isso aqui citamos diretamente a pesquisadora.

Os princípios religiosos eram a base da ação educativa no Educandário Santa Clara, que receberam influência das irmãs Franciscana de Siessen de 1955 a 1997⁶. Martins (2011) também realizou entrevistas com ex-alunas internas do colégio para desenvolver seu trabalho intitulado “Escolarização da infância: fragmentos e memórias de internas no Educandário Santa Clara”. Em uma das entrevistas cedidas por ex-aluna, fica evidente a cultura religiosa no cotidiano escolar das internas e a cultura do castigo, caso não obedecessem às regras impostas pelas freiras.

Ganhava muito castigo! Vixe menina! Nossa! Aquele jardim ali no centro (...) Então a gente fazia as tarefas ali naquele jardim, eu era muito excluída e por um lado eu tinha o meu lado crítico, eu não era de rezar muito, elas rezavam muito e eu não tinha paciência de rezar [...] e fazia as tarefas lá do outro lado [...] se eu criticasse ou risse de alguma coisa, sabe coisa que menina abafava debaixo de coberta, [...] aí eu ganhava castigo, ia pro jardim ficar de joelhos uns 15, 20 minutos, até meia hora. Às vezes tinha que rezar, e eu sabia que eu não gostava muito de rezar, mas tinha que rezar, mas não era muito a minha praxi não. Mas eu não tinha medo de ficar lá no escuro no meio do jardim. (MARTINS, 2011, p. 35).

Diante a esse depoimento, nota-se a cultura escolar do Educandário Santa Clara como um conjunto de práticas, normas e idéias, conforme concebido por Frago (2000), em que as alunas não tinha liberdade de manifestar suas vontades, pois eram condicionadas a respeitarem e seguirem as normas estabelecidas pelas irmãs.

A cultura escolar é definida por Forquin (1993 *apud* Silva 2006, p.205) como sendo “[...] aquele conjunto de saberes que, uma vez organizado, didatizado, compõe a base de conhecimentos sobre a qual trabalham professores e alunos. E nessa idéia está pressuposta uma seleção prévia de elementos da cultura humana, científica ou popular, erudita ou de massas”.

Esse conjunto de saberes são organizados pensando nos sujeitos que os receberão. Assim como os conteúdos, os alunos muitas vezes também são selecionados para frequentarem à instituição. O Educandário Santa Clara sempre foi uma instituição particular e, para se matricular era necessário pagar mensalidades, uniformes e materiais escolares. Logo, o colégio admitia, na maioria, filhas de

⁶ Ano em que as irmãs vedem o prédio e deixam de ter vínculos com a instituição.

fazendeiros de Paranaíba e região, conhecidos pela população local, aqueles que tinham condições de pagar pela escola, ou, oferecer algo em troca, como carne, verduras e demais alimentos que produziam em suas propriedades.

Para Julia (2001) a cultura escolar se define, brevemente como,

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

O depoimento de uma das ex-alunas do Educandário Santa Clara sustenta essa definição de cultura escolar, quando em entrevista ela explica o que aprenderia dentro da instituição.

P1: “Então, eu tinha nove anos, e eu não sabia ler, não sabia escrever, ninguém me ensinou a fazer nada e um belo dia chegou meu pai lá e disse assim: Olha a “V”, você vai estudar [...]. O primeiro ano que funcionou o Educandário, em cinquenta e cinco. Você vai estudar no colégio das internas e lá você vai aprender ler e escrever, aprender a bordar, costurar, e eu tinha uma vontade de aprender a costurar, bordar. (...) E eu fiquei toda empolgada, os conhecidos do meu pai chegavam e eu ia contar que eu ia para a cidade, ia ser interna, ia aprender a bordar, costurar, tanta coisa. Quando eu vim, assim, eu não fiquei decepcionada não, porque tudo para mim era novidade. Meu pai me preparou muito bem, que era uma coisa gostosa”. (SANTOS, 2014, p. 38).

Nota-se, a partir do depoimento, que as práticas educativas no colégio eram voltadas, além da religião, para a formação de uma boa dona de casa, uma boa esposa, pois eram ensinadas tarefas domésticas, assim, percebe-se o que Julia enfatiza ao afirmar que a transmissão dos conteúdos pode variar dependendo da finalidade, nessa instituição, percebe-se a finalidade religiosa e social da mulher.

Julia (2001, p. 22) afirma que “[...] a escola não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus”.

Uma das ex-alunas entrevistada por Martins (2011) revela que o período que passou no internato influenciou em algumas de suas atitudes na vida adulta, como na alimentação. Ela conta que,

[...] eu não como rúcula até hoje, porque ia já, a gente chegava no refeitório já tava ali seu prato com a carne né, e uma verdura e eu não gostava de rúcula aí eu comia as folhas da rúcula e deixei aquele talinho e pus na minha colher assim de lado, aí a freira chegou: “ah você não comeu as verduras?” “ah, comi irmã, já comi tudo!”, “Não, tá aqui, as vitaminas tá aqui oh!” e aí eu tive que comer aquele talo da rúcula sozinha. (MARTINS, 2011, p. 35).

Conforme Julia (2001) apontou, a escola inculca comportamentos e habitus, infere na subjetividade das pessoas, como inferiu nessa ex-aluna do Educandário, que não consegue ingerir um tipo de alimento por causa da experiência que teve na instituição.

Mediante os conceitos de cultura escolar apontados, podemos perceber sua articulação com as fontes de pesquisa selecionadas no projeto mencionado, como também, veremos no projeto sobre o Ginásio Comercial Santo Antônio.

GINÁSIO COMERCIAL SANTO ANTÔNIO: um olhar para a cultura escolar

O Ginásio Comercial Santo Antônio foi fundado no município de Nova Andradina-MS, foi idealizado em 1962, e seu funcionamento começou em 1963. O recorte cronológico pré-estabelecido no projeto de pesquisa visa o período de 1962-1975⁷. Temos por objetivo compreender como a cultura escolar dessa instituição influenciou na construção da sociedade de Nova Andradina, buscando entender as relações sociais dentro do ambiente educacional e como esse ambiente escolar foi influenciado a partir das questões religiosas.

Pretende-se, também, analisar a trajetória religiosa da Instituição Ginásio Comercial Santo Antônio e destacar a importância do poder religioso dentro da Instituição escolar.

Nesse ensaio, objetivamos apontar como o conceito de cultura escolar é aplicado em tal projeto de pesquisa.

De acordo com Julia (2001) em uma instituição escolar as,

[...] normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer

⁷ Sendo 1962 a data de idealização da construção do Ginásio e 1975 data em que se torna colégio Objetivo, instituição particular sem vínculo religioso.

a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (JULIA, 2001, p. 10-11).

Neste sentido, podemos pensar o Ginásio Comercial Santo Antônio como um lugar de memórias, onde pessoas, arquivos e grupos se perpetuam na construção de uma identidade; problematizando em que percepções escolares e históricas as relações sociais devem ser estabelecidas em um contexto cultural, agrupando a família, infância, trabalho, a política e a economia; em que perspectiva histórica é uma forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência.

Pouco a pouco, fica claro no projeto que emergiu a evidência de que o Ginásio Santo Antônio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo, segundo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares.

É necessário, justamente, o esforço em definir o que Chervel (1990) entende aqui por cultura escolar; tanto isso é verdade que esta cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.

Para Chervel (1990, p. 188) o historiador precisa considerar a que tipo de finalidades determinada disciplina vem satisfazer. Considerando-se que em cada época a escola se coloca a serviço de diferentes finalidades que no seu conjunto fornecem a esta instituição o seu caráter educativo, é por meio das disciplinas escolares que ela sempre vai colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa.

Em termos historiográficos, defende que, para resgatar documentos arquivísticos, textos, memórias orais, fotos, depoimentos de pessoas que fizeram parte da comunidade escolar é necessário um estudo aprofundado destas fontes,

pois, se este estudo não for feito com muito critério, corre-se o risco de realizar esta pesquisa sem fins científicos, tornando-a somente relatos históricos.

A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir, isso porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito como, por exemplo em: diários, cartas, fichas individuais dos alunos, produções dos alunos, relatórios semestrais, um conjunto de fonte que deixa resquícios de práticas escolares.

Não fica claro nos documentos levantados no Colégio Santo Antônio até o momento, quais as diretrizes curriculares seguidas pela escola, mas os vestígios e indícios, como é defendido por Carlos Ginzburg, parte do historiador entender que “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177), portanto a hipótese mais aceita é de que ela tenha seguido a postura proposta pela igreja, ou seja, conteúdos de caráter religioso.

Deve-se, ao investigar o processo de criação e instalação de uma escola, verificar a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço de poder (diretoria, secretaria, sala de professores), a organização do uso do tempo, a seleção de conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, professores, a legislação, as normas e a relação que esta instituição manteve com a comunidade em termos sociais, políticos e religiosos.

A cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias, englobava tudo o que acontecia no interior da escola. Na busca de estudar as relações sociais e históricas que ocorreram dentro da Instituição Ginásio Comercial Santo Antônio, as fontes utilizadas inicialmente serão documentos da própria instituição, como o regimento escolar, atas de reuniões, fotos dos arquivos, lista de matrículas e currículo.

A partir do momento que os documentos não darão respaldo para a problematização de algumas questões sobre a pesquisa, serão utilizadas as fontes orais, pois elas permitem inserir os sujeitos ignorados ou esquecidos pela história oficial na querela dos acontecimentos que se desenrolaram em determinado espaço e tempo. Neste caso particular procura-se incluir o aluno e sua trajetória dentro da instituição, partindo de alguns eixos temáticos, tais como: qual foi o papel de formação social e educacional dessa instituição na vida dos estudantes e sociedade? Até que

ponto a ideologia religiosa influenciou na educação dessa Instituição? Além do contato com os entrevistados, eventualmente, buscaremos auxiliar no exercício de catalogação de outras fontes e documentos.

Por meio de depoimentos de ex-alunos e funcionários, podemos reconstituir o cotidiano da Instituição, sua grade curricular, seu comportamento perante ações de vigilância religiosa, suas estratégias de desvio de comportamento e punições. Enfim, sua visão de mundo.

A escolha dos entrevistados se dará de forma abrangente tencionando localizar ex-professores e alunos da Instituição Ginásio Santo Antônio que ocuparam diferentes níveis e cargos dentro da Instituição em diferentes épocas.

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, pois por meio delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes.

O recurso aos artigos e livros citados e às diferentes acepções de cultura escolar tem propiciado a produção de vários trabalhos em história da educação no Brasil, demarcando apropriações que se concentram em torno de três perspectivas, provisoriamente definidas como: saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares e; materialidade escolar e métodos de ensino.

Nesses estudos os pesquisadores buscam jogar luz sobre aspectos das relações dos espaços e tempos escolares com outros aspectos intrínsecos da experiência escolar e, ao mesmo tempo, buscam articulá-los com os tempos e espaços sociais mais amplos. Essa articulação é feita por alguns estudos entre as culturas escolares e as culturas urbanas, tendo os tempos e espaços escolares como fios condutores da investigação, uma das dimensões fundamentais dos estudos sobre as culturas escolares é aquela que enfoca as práticas escolares. Aliás, para alguns autores, o estudo das práticas é o toque da renovação dos estudos históricos em educação. No entanto, também sabemos o quanto é difícil realizar a pesquisa histórica que pretenda ter acesso às práticas escolares. Sendo assim, acredita-se que por meio da metodologia da História Oral poderemos tabular dados e informações relevantes.

Por meio do objeto de estudo selecionado e de suas fontes de pesquisa pode-se compreender a aplicação do conceito de cultura escolar, em ambos os projetos mencionados neste ensaio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as Instituições Escolares Confessionais enfrenta o mesmo problema existente em toda investigação documental: as precárias condições de preservação dos arquivos, fontes e acervos bem como armazenamento e manutenção das fontes, especialmente pelas escolas públicas.

Procuramos neste ensaio apresentar dados de dois projetos de pesquisa em andamento, discutidos em uma disciplina de um programa de pós-graduação em educação, cujo tema relaciona-se com o conceito de cultura escolar.

Apontar alguns dos principais autores que discutem a temática e articular seus conceitos às fontes de pesquisas selecionadas para os projetos possibilita uma discussão teórica e metodológica no campo da educação, tanto no âmbito da pós-graduação como na graduação. Esperamos, que a temática traga reflexões e contribuições para futuros trabalhos que almejem o campo das instituições escolares.

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes e normas sócias.

REFERÊNCIAS

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**. N. 2, p.177-229, 1990.

GINZBURG, C. **Raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**. V.1 jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39195/Dominique%20Julia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

MARTINS, Cecília Freitas. **Escolarização da infância**: fragmentos e memórias de internas no Educandário Santa Clara. 2011. Monografia (especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação *lato sensu*, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2011.

SANTOS, Tatiele Borges dos. **Escolarização da infância em Paranaíba (MT)**: memórias de alunas do Educandário Santa Clara (1955-1958). 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação**, n 20, maio/Jun/Jul/Ago 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/7620/5433>.